



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva sobre os investimentos no País, durante reunião ampliada do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES)**

**Palácio do Planalto, 28 de agosto de 2008**

Quero pedir a todos os companheiros, convidados e convidadas, para se colocarem de pé para um minuto de silêncio em homenagem ao dr. Olavo Setúbal. Obrigado.

Meu caro companheiro vice-presidente da República, José Alencar,  
Meu caro senador Garibaldi Alves, presidente do Senado Federal,  
Meu caro deputado Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara dos Deputados,

Meu caro José Múcio Monteiro, ministro de Relações Institucionais, e nossa querida companheira Dilma, ministra-chefe da Casa Civil, por meio dos quais quero cumprimentar todos os ministros aqui presentes. Não sei por que o Lobão está perdido, fora da bancada de ministros.

Quero cumprimentar os senadores e as senadoras, os deputados e as deputadas federais presentes,

Quero cumprimentar Marcelo Déda, governador do estado de Sergipe,  
Quero cumprimentar Luciano Coutinho, presidente do BNDES,  
Quero cumprimentar José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras,  
Quero cumprimentar o professor Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas,

Quero cumprimentar cada empresário, cada trabalhador, cada membro do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social,

Quero cumprimentar os amigos da imprensa.

Antes de começar o meu discurso, quero explicar para vocês por que nós estamos fazendo este ato de hoje. Eu fui a Portugal, no mês passado.



Fomos anunciar um investimento da Embraer em Portugal: 57 milhões de dólares. O discurso que as autoridades portuguesas fizeram me dava a impressão de que nós estávamos investindo 570 bilhões de dólares. Eram só 57 milhões de dólares, mas era um pouco da imagem do brasileiro feliz com o futuro. Na verdade, eles estavam imaginando que a Embraer estava apenas colocando a ponta do pé dentro de Portugal, e que ela pode, no futuro, fazer novos investimentos.

Depois, viajando para a China, eu falei: por que é que no Brasil nós não fazemos isso? Por que é que nós não damos ao conjunto da sociedade brasileira a dimensão exata das coisas que estão acontecendo aqui no Brasil? Eu estava vendo, por exemplo, o José Sergio Gabrielli falar, e quando a Petrobras fala, são tantos e tantos bilhões, que o Guido fica até com vergonha: por que é que ele não tem tanto assim?

O Roger deve entrar com recurso para fazer uma exposição, também, do que a Vale está fazendo de investimentos no Brasil que, certamente, vão chegar muito próximos dos da Petrobras. Outros setores também poderiam ter se apresentado aqui, mas não queríamos que fosse um desfile de setores fazendo apresentações porque no terceiro ou no quarto todos nós estaríamos cansados. É apenas um retrato daquilo que está acontecendo e muita gente não sabe, porque nunca leu, nunca viu na televisão e nunca ouviu no rádio. Muitas vezes, quem sabe nós tenhamos culpa de não fazer as coisas acontecerem como deveriam.

Quero dar os parabéns à nossa Central Única dos Trabalhadores-CUT, porque completa hoje 25 anos de vida. Junto com a CUT, à Maria das Graças, da Petrobras, que fez aniversário ontem e nós não pudemos homenageá-la. Mulher, a gente não pode falar a idade. Então, deve ser uns 38, 39 anos.

Meus amigos, quero do fundo do coração, agradecer a participação de cada um de vocês porque eu penso que o que estamos colhendo hoje é resultado daquilo que plantamos juntos. Em tudo isso tem o dedo do



Congresso Nacional, dos trabalhadores, dos empresários, do Poder Executivo federal, estadual e municipal, e da imprensa. Eu acho que cada um de nós deu uma contribuição para que pudéssemos chegar, neste dia, e ouvir esses números que, para muitos de vocês, era inimaginável ouvir neste país.

Eu sei que vocês vão voltar para casa muito mais convencidos de que o crescimento que está acontecendo no Brasil não é, como diria um bom economista, um vôo de galinha. É, na verdade, o de uma águia que descobriu que pode voar mais alto do que estava acostumada a voar.

Dito isso, eu vou começar a perturbar vocês um pouco. Meus companheiros, eu peço paciência. Não irei... Eu ouvi o José Sergio gritando ao microfone, não sei se o som estava ruim. O Luciano Coutinho, falando mais alto do que costuma falar, não sei se o som também não teve retorno. O meu tem, eu estou me ouvindo bem. Então eu vou tentar... Talvez tenham feito um preparo especial aqui no meu microfone e tiraram o de vocês. Mas, perdoem. Obrigado, meu caro Marcelo Neri, pela exposição.

Eu queria começar dizendo aos meus companheiros: os números das apresentações que acabamos de assistir não são só importantes, são também estimulantes. Mostram claramente que o Brasil está vivendo um momento excepcional, tanto na área dos investimentos quanto no mundo do trabalho. E não deixam dúvidas de que estamos entrando num novo patamar de produção e de desenvolvimento.

Atualmente, não há uma semana em que eu não receba dirigentes de grupos empresariais que vêm anunciar a ampliação de suas fábricas ou a abertura de novas plantas para atender à demanda crescente.

São investimentos em praticamente todos os setores da economia. Investimentos de bilhões de reais, que vão aumentar de forma vigorosa a capacidade produtiva do País, gerar milhares de empregos e responder ao consumo em franca expansão.

Infelizmente, esses anúncios não costumam ter grande destaque no



noticiário. Talvez por isso o País ainda não tenha uma visão de conjunto sobre a intensidade e o alcance das grandes transformações que estão em curso neste país.

Por isso, convidei-os para essa conversa. Quero chamar a atenção de todos para a importância do atual momento. Quero dividir com vocês minha convicção de que estamos vivendo uma nova etapa de desenvolvimento econômico. O Brasil começou a dar um grande salto para o futuro.

Não foi fácil dar essa virada. Foi necessário trabalho duro e muito sacrifício de todo o povo. Mas todos juntos conseguimos construir um novo ambiente, extremamente positivo, que vem estimulando o País a dar o melhor de si mesmo.

Hoje podemos dizer que o Brasil logrou atravessar o deserto da estagnação econômica, que, durante 25 anos, exauriu nossas melhores energias e frustrou os sonhos de toda uma geração. Agora estamos caminhando em terra fértil. O País está semeando e colhendo. Semeando um novo tempo de investimento e de trabalho, e colhendo uma nova era de esperanças e de oportunidades. São muitos os exemplos de que a situação mudou da água para o vinho.

O último grande alto-forno no Brasil foi inaugurado em 1986, ou seja, 22 anos atrás. Depois, tivemos um longo período de estiagem de investimentos. Só recentemente esse quadro mudou. E como mudou. Hoje, estão projetadas dez novas grandes siderúrgicas, que dobrarão a produção nacional de aço em seis anos. Outro exemplo: nos anos 90, foram construídas apenas cinco fábricas de cimento. Agora, há dez novas plantas em construção.

Na petroquímica ocorreu o mesmo fenômeno. Só o Comperj, no Rio de Janeiro, receberá investimento de 13 bilhões de reais. Isso sem falar nos investimentos privados decorrentes da reestruturação societária no setor. É bom lembrar que o último pólo petroquímico implantado no Brasil, o da Copesul, é da década de 80.



E o que dizer da indústria automobilística? Como líder sindical e dirigente político, passei os anos 80 e 90 vendo as montadoras reclamando do estreitamento do mercado, demitindo trabalhadores e ameaçando fechar fábricas. Agora elas estão em franca expansão. Este ano serão produzidos aproximadamente 3,5 milhões de veículos. Em 2013, graças aos investimentos já anunciados, a capacidade instalada será de 6 milhões de unidades por ano. Prestem atenção: passaremos a ser a quinta ou a sexta produção de automóveis do mundo.

No setor de petróleo, a última refinaria construída no País foi exatamente em 1980. Agora, até 2010, a Petrobras implantará cinco novas refinarias. Nos próximos anos, ainda sem incluir a exploração e a produção no pré-sal, a Companhia pretende investir US\$ 19,5 bilhões por ano, um salto simplesmente espetacular em relação ao que aconteceu na década passada.

Praticamente todos os setores estão vivendo um clima semelhante. A indústria de papel e celulose dobrará sua capacidade produtiva nos próximos anos. Na mineração, os investimentos até 2012 alcançarão cerca de R\$ 100 bilhões. Na agroindústria, as perspectivas também são extraordinárias.

Mas talvez nenhum outro setor retrate tão bem o que se passou no País nos últimos 25 anos como a indústria naval. No início da década de 80, ela era a segunda do mundo, com 36 mil trabalhadores. Aí inventaram que não tínhamos competitividade e que era mais barato comprar navios lá fora. Resultado: em pouco tempo, nossos estaleiros foram a pique. Na virada do século, empregava menos de dois mil trabalhadores.

Quando assumi o governo, a Petrobras encomendou a primeira plataforma de petróleo à indústria naval brasileira, a famosa P-51. De lá para cá, já contratamos mais quatro plataformas e iremos contratar mais oito até 2017. Seu índice de nacionalização – diziam que a gente não tinha conhecimento tecnológico – já chega a 72%. Além disso, os números que disse o José Sergio Gabrielli e o que a Transpetro está fazendo, mostram que nós,



finalmente, recuperamos a indústria naval brasileira e queremos fazê-la muito maior.

Além disso, a Transpetro também passou a encomendar navios aqui dentro. E serão construídas no País, nos próximos anos, pelo menos 28 sondas de perfuração. Aqui, um dado que o José Sergio não fala: cada sonda daquelas custa, pelo menos, 700 milhões de dólares. Então imaginem o que nós poderemos criar de empregos aqui, meu caro Feijóo, para os metalúrgicos que vocês, do movimento sindical, representam. Resultado: hoje, a indústria naval brasileira já emprega 40 mil trabalhadores. Renasceu das cinzas do incêndio que, durante mais de duas décadas, consumiu a confiança do País nas próprias forças e na própria capacidade. Ainda bem que esse tempo ficou para trás.

Para garantir a logística e a infra-estrutura necessárias à vigorosa retomada do crescimento, o governo lançou, no início do ano passado, o PAC. Nessa área temos muito o que comemorar.

A oferta de energia elétrica necessária para o crescimento do País está garantida para os próximos anos. A "turma do contra" que me desculpe, mas não haverá apagão no Brasil.

Estão aí os leilões vitoriosos das hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau que, juntas, agregarão mais de 6 mil megawatts ao nosso sistema. No ano que vem, licitaremos Belo Monte que quando estiver concluída, responderá por mais 11 mil megawatts.

Além disso, a Petrobras vem aumentando fortemente a oferta de gás. Estamos incorporando novas fontes de energia, como a biomassa e a eólica, e decidimos retomar o programa de usinas nucleares neste país. Ou seja, foram-se os tempos em que a falta de planejamento e de investimento condenavam o País a viver sob a ameaça do racionamento.

Também graças ao PAC, nossas rodovias foram ou estão sendo recuperadas. E os leilões de concessões, não só derrubaram fortemente as



tarifas antes vigentes, como estão permitindo investimentos privados significativos em algumas das estradas de maior tráfego no nosso País.

Quanto ao transporte ferroviário, praticamente abandonado antes, está renascendo. Aí estão as obras da ferrovia Norte-Sul, da Transnordestina e da Ferronorte. E no ano que vem, estaremos realizando os leilões para a concessão do trem de alta velocidade que ligará o Rio , São Paulo e Campinas, e da ferrovia de integração Oeste-Leste, na nossa querida Bahia. Os portos também estão sendo dragados e recuperados.

E a infra-estrutura de saneamento, que marcava passo há décadas, vive uma verdadeira revolução. Até 2010, o governo federal, os estados e as prefeituras investirão 40 bilhões de reais em abastecimento de água e esgotamento sanitário, beneficiando no mínimo 22 milhões de domicílios no nosso país.

Constato com satisfação que o Projeto São Francisco avança agora a passos largos. Em muitos trechos, as obras já foram iniciadas. Em outros, estão contratadas. Enquanto isso, os programas de revitalização do Velho Chico estão em pleno andamento e seus resultados começam a aparecer, beneficiando as populações ribeirinhas. Até 2010, o Eixo Leste será inaugurado. Meu sucessor poderá inaugurar o Eixo Norte em 2012. Essa obra, sonhada desde o Império por D. Pedro II, finalmente está virando realidade. Em breve, doze milhões de nordestinos estarão livres do flagelo da seca e terão água boa para beber e plantar.

Tudo somado, o investimento no País, sacudindo duas décadas e meia de letargia, está em forte expansão. Tem crescido nos últimos anos a taxas duas vezes superiores às do crescimento do PIB. O fato é que o País não só voltou a crescer, como tem apetite de crescer ainda mais.

Aqui é importante falar um minuto do São Francisco. Eu quero agradecer, em primeiro lugar, ao companheiro José Alencar, ao ex-ministro Ciro Gomes e ao companheiro Geddel. Se não fosse a disposição deles de



enfrentar todas as contrariedades colocadas no caminho, nós hoje não poderíamos estar dizendo que vamos inaugurar o primeiro trecho até 2010. E não é apenas o rio São Francisco. É importante lembrar, ex-presidente Collor, que o Canal do Sertão de Alagoas vai tirar mais água por segundo do que do rio São Francisco, e que os projetos Salitre e Alto Irecê, também na Bahia, vão tirar mais água do que toda a água que estamos tirando da transposição do rio São Francisco. Essa é uma obra que eu penso que é uma conquista do povo brasileiro e, certamente, todos nós viveremos para ver o que vai acontecer no semi-árido nordestino quando a água por lá estiver sendo definitiva.

Meus companheiros e minhas companheiras,

A tudo isso vêm se somar as recentes descobertas de petróleo e gás no pré-sal, feitas pela nossa querida Petrobras, uma empresa criada em 1953, sob críticas de alguns e aplausos de muitos. Empresa que, depois de levar mais de 50 anos para conquistar a auto-suficiência, fez as descobertas das enormes jazidas do pré-sal, que tornarão ainda mais importante sua posição no cenário mundial.

Se os recursos do pré-sal forem aquilo que imaginamos, o Brasil dentro de alguns anos se transformará num grande produtor mundial de petróleo. É uma perspectiva nova, que abre extraordinárias possibilidades de desenvolvimento para o País, mas que contém também desafios e riscos, que precisam ser enfrentados. Afinal, não podemos nos dar ao luxo de desperdiçar essa imensa riqueza.

Por isso mesmo, constituí uma Comissão Interministerial que está estudando os diferentes modelos para a exploração do pré-sal. Dei à Comissão algumas orientações. Primeira: o Brasil não quer ser um mero exportador de óleo cru. Ao contrário, queremos consolidar no País uma forte indústria petrolífera, com toda sua cadeia produtiva, que agregue valor aqui dentro e exporte os derivados. Segunda orientação: nossa Constituição diz que as reservas de petróleo são da União. Não podemos perder isso de vista. Seus



frutos devem beneficiar, em primeiro lugar, todo o povo brasileiro. Terceira recomendação: não é porque tiramos um bilhete premiado que vamos nos deslumbrar e sair por aí gastando o dinheiro que ainda não temos.

O pré-sal é um passaporte para o futuro e sua principal destinação deve ser a educação das novas gerações e o combate à miséria ainda existente no nosso país. Trata-se de um debate muito importante, que interessa de perto a todos os brasileiros e brasileiras. No fim de setembro, a Comissão me entregará suas sugestões sobre o assunto e, em seguida, o governo abrirá uma ampla discussão com a sociedade brasileira. Estou seguro de que todos juntos tomaremos as decisões mais acertadas para o nosso país.

Minhas amigas e meus amigos,

Nos últimos anos, investimos na distribuição de renda e conseguimos combinar crescimento com redução da pobreza. Hoje o Brasil está construindo um novo modelo de desenvolvimento, voltado para todos.

O emprego está aumentando e milhões de trabalhadores estão entrando no mercado formal de trabalho, com carteira assinada. A taxa média anual de desemprego é de 8,2% em 2008, a menor desde 2002, quando foi iniciada a série histórica do IBGE.

A renda dos trabalhadores também está aumentando e, pela primeira vez, milhões de brasileiros têm acesso ao crédito e podem adquirir bens antes inacessíveis para a maioria da população.

A classe média constitui hoje a maioria da população nas seis principais regiões metropolitanas do nosso país. Cerca de 20 milhões de brasileiros deixaram as classes D e E, rumo à classe C. Espero que no próximo ano subam para a classe A, Marcelo Neri.

Sob o impacto desse novo mercado de massa, a economia brasileira deu um salto à frente e mudou de patamar de crescimento. Isso só foi possível porque o País não se conformou com a desigualdade e foi capaz de superar o preconceito e a estreiteza.



Até bem pouco tempo, o pensamento predominante no Brasil era de que o País poderia crescer mantendo à margem do processo produtivo a maior parte do nosso povo. Por incrível que pareça, esse pensamento preocupava-se em arrumar o País apenas para 50 milhões de brasileiros, deixando três quartos da população entregues à própria sorte.

Na prática, a maioria dos brasileiros e brasileiras era vista como se fosse um estorvo, como um peso, como uma amarra, que impedia o desenvolvimento do País. Daí o enorme preconceito de alguns setores contra o Bolsa Família e outros programas, semelhante em muitos aspectos às críticas virulentas lançadas em outros países contra políticas sociais de alcance similar, como o *New Deal* do presidente Roosevelt.

Sempre haverá aqueles que não conseguem perceber que programas dessa natureza, além de generosos e solidários com os menos afortunados, têm enorme repercussão na atividade econômica. São capazes de transformar o que parece peso em impulso e alavancar o surgimento de grandes mercados de massa, decisivos para a retomada do crescimento no nosso país.

O fato é que hoje vivemos um círculo virtuoso de crescimento com distribuição de renda. O aumento da demanda estimula o crescimento do investimento, que gera aumento de produtividade, eleva os lucros e permite aumento dos salários, o que acaba por gerar um novo aumento de demanda, e o Gerdau gosta disso.

Minhas amigas e meus amigos,

Não poderia deixar de assinalar outra conquista importantíssima nos últimos anos. O País voltou a crescer reduzindo também as desigualdades regionais. Regiões antes relegadas a um segundo plano estão recebendo atualmente grandes investimentos.

O Nordeste, que não possuía sequer uma refinaria de petróleo, em poucos anos contará com quatro: em Pernambuco, no Maranhão, no Ceará e no Rio Grande do Norte. Além disso, duas grandes siderúrgicas serão



construídas, uma no Ceará e uma no Pará. Nesse último estado também será instalada uma planta de alumina de grande porte. Além disso, o compromisso do Roger, com mais uma no Maranhão e com a do Espírito Santo.

Aqui, um parêntese para explicar essa questão. Hoje nós exportamos muita bauxita, e o companheiro Roger, numa exposição feita a mim e à ministra Dilma, no Pará, contou a seguinte história: exporta a tonelada de bauxita a 30 dólares, a tonelada de alumina já vai para 500 dólares, e a tonelada de alumínio vai para 3 mil dólares. Está claro que nós precisamos – o BNDES está à disposição, e Belo Monte vai surgir para isso – garantir a energia para colocar valor agregado e gerar empregos para os brasileiros da região Norte que precisam trabalhar neste país. Portanto, fiquem certos de que logo, logo nós também seremos exportadores de alumínio, e não apenas exportadores da nossa tão rica bauxita. Prepare-se, Roger, que o BNDES está aí. Pernambuco, por seu lado – vocês percebem que falar de Pernambuco é uma coisa mais especial – sediará um novo pólo petroquímico.

Mas não é apenas a indústria pesada que vem se instalando nessas regiões. Atraídas pelo mercado em expansão, inúmeras empresas estão abrindo no Norte e no Nordeste novas fábricas de materiais de construção, de alimentos, de tecidos, de químicos. Assim, o Brasil hoje está crescendo de forma mais harmoniosa e equilibrada, o que é uma grande novidade, que não aconteceu no século passado. A triste verdade é que durante séculos o Brasil, mesmo quando crescia, crescia torto e desequilibrado. Resultado: esquecida e abandonada, boa parte da população das regiões mais pobres acabava migrando para os grandes centros urbanos do Sudeste, contribuindo para o inchaço das cidades. Era um jogo onde todos perdiam e ninguém ganhava.

Nos últimos anos, felizmente esse quadro mudou. Graças aos programas sociais, aos investimentos do PAC e à dinamização de seus mercados, o Norte e o Nordeste voltaram a crescer, inclusive a taxas maiores do que a média do País. Se compararmos 2006 com 2005, a renda cresceu



11% no Nordeste e 9% no Norte. O consumo também se elevou de forma significativa. Em consequência disso, os investimentos estão se multiplicando nas duas regiões. Por conta disso, grandes cadeias de supermercados que antes só ficavam na região Centro-Sul do País, hoje estão se implantando em vários estados do Nordeste brasileiro.

Repete-se aqui o mesmo fenômeno a que me referi antes: o Brasil, devido à predominância de um pensamento político estreito, passou séculos vendo as regiões mais pobres como um problema, quando, na verdade, elas eram e são parte da solução dos problemas de todo o País. Se o País hoje está começando a dar um salto para o futuro é porque soube superar as limitações desse pensamento, ao mesmo tempo egoísta e tacanho.

Na longa travessia do deserto da estagnação, talvez as mazelas econômicas não tenham sido as mais difíceis de vencer. Piores foram os grilhões do pensamento esterilizante, os gargalos do preconceito e as armadilhas montadas contra a auto-estima nacional.

Meus amigos e minhas amigas,

Os avanços dos últimos anos são motivo de orgulho e devem ser comemorados. Mas o momento não é de acomodação, ainda há muito por fazer. Temos de preservar e aperfeiçoar conquistas importantes, temos de enfrentar e vencer novos desafios.

A democracia é a mais importante de todas as nossas conquistas. Queremos vê-la cada vez mais forte. Por isso mesmo, devemos cuidar de aperfeiçoar nossas instituições, tornando-as mais transparentes, eficazes e representativas.

Nesse sentido, meu governo está enviando ao Congresso algumas propostas para a reforma do sistema político. Sabemos que essa é uma tarefa que, em última instância, caberá aos deputados e aos senadores. Mas queremos dar nossa contribuição, como um estímulo para que o tema ocupe, na agenda nacional, o lugar de destaque que merece.



Também conquistamos a duras penas a estabilidade monetária e forjamos fundamentos macroeconômicos sólidos. Quero deixar claro que, em hipótese alguma, permitiremos a volta da inflação e a irresponsabilidade fiscal neste país. E continuaremos nos esforçando para melhorar ainda mais o ambiente econômico. Por isso mesmo, esperamos que o Congresso Nacional aperfeiçoe e aprove a tão sonhada reforma tributária que todos nós precisamos.

Crescimento econômico com inclusão social, crescimento econômico com redução das desigualdades regionais, crescimento econômico com base num amplo mercado de massa. Essa é a outra conquista que veio para ficar. Sabemos hoje que a única forma duradoura de crescer é incluindo, e não segregando. É integrando, e não abandonando.

Ao crescer, não queremos reeditar modelos adotados em outros países, que não se preocupavam com o meio ambiente. Nosso país, que possui grandes riquezas naturais e extraordinária biodiversidade, vem respondendo com responsabilidade aos desafios de crescer respeitando o meio ambiente.

Temos a matriz energética mais limpa do Planeta. Produzimos e consumimos etanol e biodiesel, dando um exemplo ao mundo. Não nos interessa crescer de qualquer forma, agredindo a flora, a fauna, a água, o ar. Temos compromisso com a vida e com o futuro. Mas também não encaramos a natureza como um santuário, que deva permanecer intocado na sua riqueza, enquanto, ao lado, homens e mulheres mal sobrevivem na miséria neste país. Por isso, é necessário encontrar um ponto de equilíbrio. Algumas vezes não é fácil, mas a experiência deste governo mostra que é possível construir caminhos para o desenvolvimento ambientalmente sustentado.

Outro desafio importante é o de aumentar nossa presença num mundo cada vez mais globalizado. Presença em defesa da paz, da autodeterminação dos povos e do respeito aos fóruns internacionais.

A opção de nossa política externa pela diversificação de nossas relações



diplomáticas e comerciais foi e continuará sendo fundamental para resistirmos a choques externos da economia. No entanto, para entrarmos definitivamente no time das grandes economias mundiais, o Brasil precisa avançar no processo de integração com os demais países da América Latina e, em especial, com a América do Sul.

Integração não apenas comercial, mas também cultural e, especialmente, da infra-estrutura produtiva. Ela aumenta o peso específico dos nossos países e faz nossa voz ser ouvida muito mais longe. Juntos, na América do Sul, formamos um mercado de 400 milhões de pessoas, o que é um trunfo fantástico numa economia totalmente globalizada.

Meus amigos e minhas amigas,

Hoje nosso maior desafio é dar um salto na educação. Lançamos o Plano de Desenvolvimento da Educação, para melhorar a qualidade do ensino. Através do Fundeb, aumentamos em seis vezes os recursos transferidos da União para estados e municípios para a educação básica.

Estamos construindo 214 escolas técnicas federais, 12 novas universidades federais e dezenas de extensões universitárias. Segundo o nosso ministro da Educação, 88 extensões universitárias. Oferecemos 400 mil bolsas do ProUni nas faculdades particulares e estamos abrindo 400 mil novas vagas nas universidades públicas. Em parceria com a iniciativa privada, até 2010, levaremos internet em banda larga a todas as 55 mil escolas públicas urbanas do nosso país, de graça. É muito, comparado com o que encontramos, mas ainda é pouco perto do que necessitamos.

Vivemos hoje na sociedade do conhecimento. O que faz a diferença entre as pessoas e entre as sociedades é a educação, o estudo, o saber. Por isso mesmo, não podemos nos conformar com padrões que podiam ser aceitáveis no passado, mas não estão à altura das exigências atuais.

Não basta que todos saibam ler e escrever. Não basta que a esmagadora maioria dos jovens esteja na escola. É preciso avançar muito



mais, qualificando o ensino, estimulando a criatividade e o pensamento crítico, despertando a potencialidade de todos. Esse é um desafio para todos nós. De todos os tipos de investimento, o mais decisivo para o desenvolvimento do País é o que nós iremos fazer na educação brasileira. É investimento no futuro dos nossos filhos, dos nossos netos, enfim, no que temos de melhor e de mais promissor.

Minhas amigas e meus amigos,

O Brasil vive um momento excepcional e eu poderia dizer, como o Neri, mágico. Vencemos grandes obstáculos e estamos no caminho certo. Estou convencido de que entramos num ciclo duradouro de crescimento. O Brasil vai se transformar, definitivamente, em um país desenvolvido.

O que precisamos é acreditar em nós mesmos. Nenhuma nação do mundo conseguiu se desenvolver de forma vigorosa sem acreditar nas suas próprias forças, sem despertar suas energias adormecidas, sem ser estimulada pela esperança de um mundo melhor.

Por isso, convoco todos vocês a confiar no País, sobretudo confiar no seu povo, e a olhar com redobrada confiança para o nosso futuro. Não podemos desperdiçar o momento que estamos vivendo e esta extraordinária oportunidade que Deus nos deu. Se depender do governo, nós não vamos desperdiçá-la, e tenho certeza que se depender de vocês, nós não iremos desperdiçá-la. A hora é agora, meus companheiros. A hora é agora para que nós, a partir do patamar em que estamos, discutamos conjuntamente quais os passos seguintes a dar.

Ontem, meu caro Luciano Coutinho, fizemos um encontro com a indústria da construção civil, e eles me diziam que está faltando cerâmica vermelha. Eu achei que era cerâmica, daquela quadrada que vai no chão. Não. Era aquele famoso tijolinho que nós conhecemos como tijolinho baiano, tijolo da Bahia. Você vai ver logo, logo o BNDES recebendo gente para podermos financiar todas as cadeias produtivas que dependem de pequenas empresas e



que estão estranguladas porque não têm capacidade de investimento para (inaudível) a produção. Nós vamos ter que fazer investimentos.

Este é o momento de o governo mostrar a sua criatividade, a sua competência, a sua capacidade de gerenciamento e a sua capacidade de ser o estimulador para que este país não volte atrás como voltou em outros momentos que também pareciam, diante dos nossos olhos, como momentos brilhantes.

Nós estamos mais sólidos. Eu pensei que aqui nós iríamos dizer alguma coisa dos investimentos que estão acontecendo no País. Uma coisa importante que aconteceu e que muita gente não sabe, porque nem sempre a gente lê isso, é que em 2002 o BNB, o nosso querido Banco do Nordeste... Quando eu perguntei ao ministro Ciro Gomes quanto o BNB investiu de crédito, ele me disse: 260 milhões de dólares. De reais. Pelo amor de Deus! O dólar está tão baixo que é melhor a gente falar em reais, porque está mais forte. Veja, Gerdau, em 2002 o BNB tinha financiado crédito de 260 milhões de dólares. De reais. Hoje, o BNB está financiando 13 bilhões de reais. O Banco do Brasil, quando nós chegamos aqui, estava financiando apenas... O Banco do Brasil tinha, para crédito, 59 bilhões de reais. Hoje, o Banco do Brasil tem 203 bilhões de reais.

Vou terminar dando um número para vocês. Em 2003, o Brasil inteiro tinha 380 bilhões de reais. Hoje, só o Banco do Brasil tem dois terços daquilo que o Brasil inteiro tinha seis anos atrás. Essa é uma revolução que está acontecendo, com programas como o Crédito Amigo, como o programa do Desenvolvimento Regional do Banco do Brasil, que já atinge um milhão de famílias, com programas que, muitas vezes, nem o próprio governo sabe do conjunto das coisas que estão acontecendo.

Quando eu vi o José Sergio Gabrielli e o Luciano Coutinho fazerem sua apresentação aqui, fiquei pensando: coitados, não sabem o que está acontecendo no Brasil. Se vocês forem pesquisar, é muito mais do que foi



detectado pelo nosso mirante, o nosso farol, como disse ele, que está num lugar privilegiado.

O que está acontecendo no Brasil... Nem nós, do governo, temos ainda o conjunto das informações, das coisas que estão acontecendo. Não estamos levando em conta a revolução, porque os estados estão tendo dinheiro, coisa que você não teve, Rigotto, para governar, coisa que outros governadores, na gestão passada, tiveram dificuldades. Neste ano, todos os estados – o Marcelo Déda está aqui de prova – têm muito dinheiro para fazer investimentos. Certamente, não tudo o que eles precisavam, mas mais do que tiveram nos últimos 20 anos.

Além disso, as prefeituras... Hoje existe investimento do governo federal em mais de 5 mil e 200 das quase 6 mil prefeituras. Nas cidades grandes, em parceria com os prefeitos e com o governo federal... Quem vive nas cidades grandes pode testemunhar que há 30 anos não se via o conjunto de obras que existe em todas as regiões metropolitanas deste país. Isso não é conquista do presidente Lula ou dos ministros. Isso é uma conquista da facilidade que o Congresso Nacional pôs neste país, quando votou as leis que precisavam ser votadas para favorecer a construção civil brasileira. Votar com a rapidez, Arlindo, que precisava, nas mudanças que precisávamos para fazer o PAC.

Muitas vezes nós só olhamos o lado ruim, e eu acho que é importante a gente sempre lembrar que a moeda tem mais de uma face. Tem muita coisa ruim, mas a verdade é que neste país tem muito mais coisa melhor, tem coisa muito mais extraordinária que, muitas vezes, a gente não consegue visualizar. Eu não sei se é uma deficiência cultural.

O dado concreto é que eu espero que no dia de hoje, nesta reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, o governo possa ter mostrado para vocês uma parte daquilo que está acontecendo. Volto a reafirmar: os números parecem grandes. Eu poderia provocar aqui empresários importantes da indústria naval, poderia provocar o Roger, o Gerdau, os



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

empresários do meio de comunicação e dizer: que bom que todos vocês e eu estejamos vivos para viver este momento extraordinário que, até então, não tínhamos vivido no nosso país.

Muito obrigado a todos. Vamos continuar trabalhando porque o Brasil precisa de nós.

(\$211A)